

Bancos ameaçam cortar linhas de crédito comercial do País

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — É cada dia maior o perigo de que sejam cortadas algumas das linhas de curto prazo que financiam o comércio e as relações interbancárias do Brasil no Exterior. Esta ameaça foi anunciada a **O Estado** e ao **JT**, ontem, por um dos grandes bancos credores do Brasil, numa reação ao telex que recebeu do governo brasileiro, com o pedido de prorrogação para dezembro do acordo das linhas de curto prazo, nesta semana.

O banqueiro falou com a condição de não ser identificado. Tinha lido o telex do Brasil pela manhã. Pesando cada palavra, ele disse: "Em geral, diria que os grandes bancos estão tentando manter os créditos. Agora, por quanto tempo mais, ninguém sabe".

Quem sairia, perguntei. Os pe-

quenos, que dão sinais de nervosismo? "Acho que não se deveria diferenciar pequenos e grandes. Estamos todos muito nervosos. Não seria, exatamente, nervosismo. É mais uma grande preocupação. Nada está acontecendo que indique o reinício da renegociação da dívida do Brasil", afirmou.

Num outro banco credor do Brasil, em Nova York, a impressão de que "ninguém mais sabe" perdurava, mas o banqueiro garantiu: "Embora não haja uma tendência geral, até agora, nesta sexta-feira à tarde, não temos notícias de deserções de bancos que formam as linhas de curto prazo. As renovações têm ocorrido, com certa rotina".

São mais de 200 os bancos que se juntam para fornecer US\$ 15 bilhões que mantêm funcionando as 15 agências de bancos brasileiros no Exterior, os programas 3 e 4 de créditos comerciais e interbancários. Um dos bancos chegou a pôr o

seu empréstimo no **overnight**, quando o Brasil proclamou a moratória, em fevereiro. Mas depois reuniu-se aos outros, que estão com os prazos reduzidos para 30 dias, e o **spread** num patamar alto, 1,5% acima da **Libor**. Uma fonte envolvida nas operações entre bancos internacionais e brasileiros, em Nova York, contou ontem que "os juros das linhas de curto prazo têm sido pagos, e são um bom negócio" — daí ele não entender por que estariam ameaçadas de interrupção. Uma outra fonte lembrou que uma interrupção pode se transformar no gatilho de uma guerra econômica, pois por determinação do Banco Central as agências brasileiras, em Nova York, sujeitas à legislação norte-americana, estariam obrigadas a manter o dinheiro no Brasil.

O maior credor do Brasil, o **Citicorp**, não quis comentar o telex enviado pelo Brasil. Um de seus porta-vozes afirmou que não podia

nem confirmar que realmente o tivessem recebido, e quando, ou o que fariam. Já num banco médio, a impressão era a de que "não existe mais um consenso", e que "cada um fará o que quiser".

Só o Banco Central de seu país poderá dizer se já ou não deserções", explicou um operador de linha interbancária de um grande banco norte-americano. Mostrando-se pessimista, ele ainda afirmou: "O que posso lhe dizer é que estamos vivendo um momento de incertezas".

O banqueiro que está prevendo dificuldades para o Brasil é um dos nossos maiores credores, confirma o operador. "Sem dúvida, há muita incerteza", ele comenta, e acrescenta: "Eu acho que se o Brasil não começar a negociar, os bancos ficarão ainda muito mais intranquilos. Chegará o momento em que os bancos começarão a cortar suas linhas. E isto será algo muito normal".